

OS PELOTÕES DE SAÚDE DE SANTA CATARINA E OS IMPRESSOS NA LUTA CONTRA A “INCIVILIDADE”

LOS PELOTES DE SALUD DE SANTA CATARINA Y LOS IMPRESOS EN LA LUCHA CONTRA LA “INCIVILIDAD”

Michele Metelski 1

Resumo: Este estudo faz uma incursão pela história da educação no estado de Santa Catarina no período de 1941 a 1953. Trata especificamente das práticas higienistas escolarizadas dos pelotões de saúde, que eram associações escolares implementadas dentro das escolas do estado e possuíam um caráter assistencialista. Durante o percurso estudado, algumas práticas se associaram ao discurso médico para compor seu campo de atuação contra a “incivilidade” que abrangia o país. Contribuindo com essas práticas, os pelotões de saúde mantinham como aliados os impressos, jornais escolares, ilustrações entre outros para legitimar seu campo de atuação. Tais práticas se configuraram como importantes estratégias higienistas na alfabetização das crianças, que de certa forma, aprenderam uma nova linguagem fundamentada no discurso científico.

Palavras-chave: Pelotão de Saúde; Impressos; Jornal Escolar; Higiene.

Abstract: This study makes a foray into the history of education in the state of Santa Catarina from 1941 to 1953. It deals specifically with the hygienic practices of the health platoons, which were school associations implemented within the state schools and had a welfare character. During the studied course, some practices were associated to the medical discourse to compose its field of action against the “incivility” that covered the country. Among these practices, health platoons kept allied as printed, school newspapers, illustrations among others to legitimize their field of action. Such practices have been configured as important hygienist strategies in children’s literacy, to a certain extent, have learned a new language based on scientific discourse.

Key words: Health Platoon; Printed matter; School Newspaper; Hygiene.

Doutora em Educação na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Mestre em Educação na Linha de Pesquisa História e Políticas Educacionais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (2013); Especialista em Bioengenharia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); Especialista em Metodologia da Ação Docente pelo Centro Universitário de União da Vitória - UNIUV (2012); Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); pesquisadora na área da História da Educação, Discurso Médico-higienista, História da Medicina no Brasil e Biologia Geral.
E-mail: profissionalmichele@hotmail.com

Introdução

No início do século XX, a missão de orientar a educação higiênica também passou a ser uma responsabilidade das escolas. Nada escaparia ao olhar clínico dos médicos que, para consolidar suas práticas, procuravam alfabetizar as crianças para que elas fizessem o que chamaremos de leitura higiênica. Essa leitura seria feita através de cartazes, jornais escolares, desenhos, versos, preceitos diários, cadernetas, fotografias, etc.

A associação escolar pelotão de saúde acompanhava os signos da modernidade e estava em conformidade com as ações profiláticas desenvolvidas pelo campo médico-higienista. As crianças, principais sujeitos atuantes destas instituições, precisavam educar-se higienicamente através das recomendações que os professores passavam para elas, que, por sua vez, recebiam dos médicos e farmacêuticos, entre outros. A função das crianças era, além de educar-se, passar os saberes às outras crianças que eram consideradas “incivilizadas”. Esses preceitos também chegavam até as famílias, que geralmente eram humildes e sem noções de higiene.

No início do século XX, os sanitaristas fizeram uma análise no pós-guerra e constataram que, a despeito das ações e políticas de saúde pública no Brasil, as endemias rurais grassavam no interior do Brasil, e as populações dos sertões continuavam abandonadas pelo poder público. Hochman (2009) discute as relações entre saúde, doença e pobreza e a necessidade de romper o ciclo vicioso da doença e da pobreza, pois as condições sanitárias, que eram precárias, influenciavam no desempenho econômico da população que perpetuava seu estado de pobreza.

Os pelotões de saúde e os impressos

As campanhas e fontes impressas foram companheiras do higienismo na luta pela saúde. A partir da Circular n. 26, de 19 de março de 1941, começaram a instituir nas escolas catarinenses os pelotões de saúde. Neles circulavam importantes meios de propagação das ideias higienistas daquele período. Os meios de comunicação¹ de massa assumiram um papel fundamental na sociedade da época, principalmente porque eram utilizados cartazes, panfletos e folhetos nas zonas rurais, local em que a maioria das pessoas era analfabeta; portanto, os impressos gozavam de certo privilégio nas comunidades rurais.

A Circular n. 32, de 14 de maio de 1941, assinada por Elpídio Barbosa, trazia aos inspetores escolares e aos diretores dos grupos escolares a determinação e distribuição do uso do Jornal “Saúde” em todos os estabelecimentos de ensino:

O Departamento de Saúde vem publicando “Saúde”, jornal que por intermédio do Departamento da Educação, faz chegar aos estabelecimentos de ensino. Deseja o Departamento de Educação, porque se irmana, perfeitamente, aos nossos objetivos: - A educação da nossa gente – que os professores compreendam o alto significado desse empreendimento, dando o melhor dos seus esforços no sentido de que “Saúde” corresponda às suas finalidades. Assim determina o Departamento de Educação aos srs. Professores: façam leituras e comentários, em aulas apropriadas, para que os alunos assimilem os ensinamentos contidos nessa salutar e patriótica publicação (SANTA CATARINA, 1941, p. 1.220).

A tentativa de consolidar a difusão de conhecimentos sanitários como estratégia inovadora surgiu no estado de São Paulo na primeira metade do século XX. Nesse período, distribuíam-se folhetos, manuais, livros e almanaques que geralmente se vinculavam a propagandas radiofônicas. Essas estratégias ocorriam devido ao número de imigrantes que começavam a chegar ao estado e tinham um cunho higiênico e eugênico (ROCHA, 2018). Em nível nacional, criou-se o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária (SPES), em 1923, que definia a publicação periódica de boletins, folhetos, cartazes e manuais que se dedicavam a divulgar os preceitos sanitários. Segundo Rocha (2003, p. 218), “educação e propaganda figuraram como elementos indissociáveis de um programa

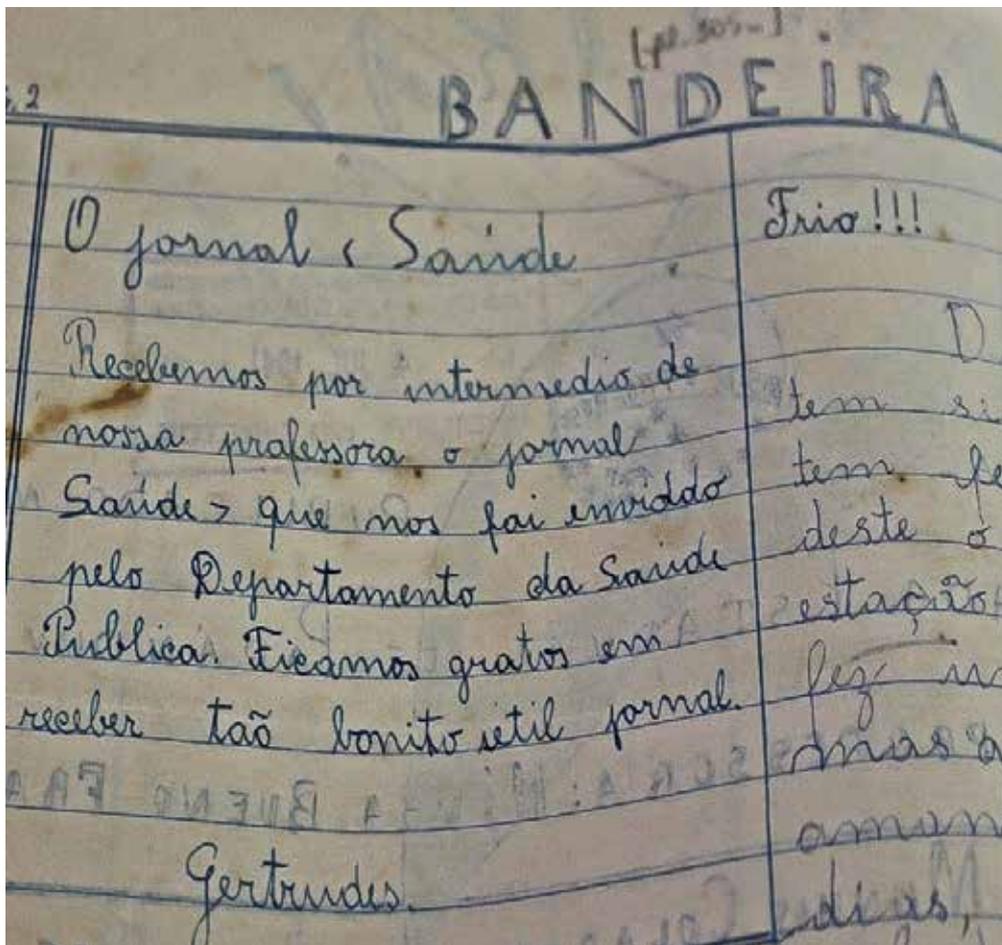
¹ Em alguns locais do Brasil, eram utilizados como meio de comunicação o rádio, o teatro, os diafilmes, a lanterna mágica e o cinema.

de moralização que tinha, como um dos seus mais importantes pilares, a higienização da população”.

O Jornal *Saúde* era enviado às escolas de Santa Catarina e deveria ser lido e comentado nos finais das reuniões dos pelotões de saúde, e também distribuído aos alunos. O assunto da primeira educação do jornal foi a tuberculose, doença que se alastrava, na época. No Jornal Escolar *Bandeira*, encontra-se uma nota de agradecimento ao recebimento do jornal *Saúde*, conforme se lê na imagem abaixo.

Da mesma forma, o Jornal Escolar *Novidades* publicou uma nota em agradecimento ao Departamento de Educação e ao Departamento de Saúde Pública por enviar vários artigos em que se aconselhava as pessoas sobre os métodos da higiene. No Grupo Escolar Abdon Batista, no município de Jaraguá do Sul, demonstra-se a importância do jornal. “Que orgulho para nós quando aparecer o nosso nome no jornal dizendo que fomos bem zelosos pela saúde das crianças” (SANTA CATARINA, 1946, p. 87).

Figura 1: Nota do Jornal Escolar *Bandeira*



Fonte: Jornal Escolar, 1941, p. 105.

Localização: Acervo Apesc.

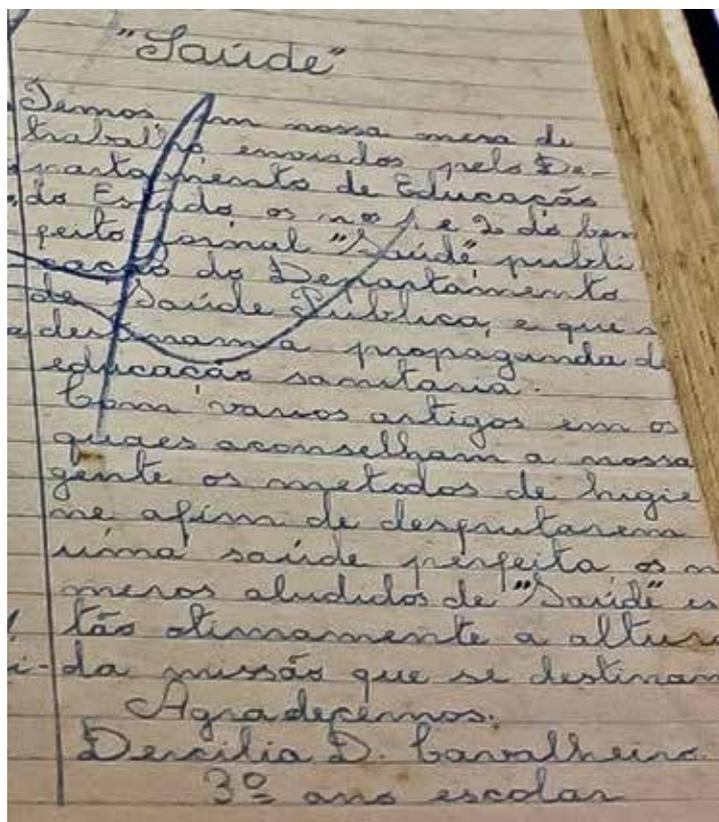
O órgão federal responsável por direcionar as ações de educação em saúde para todo o país era o Serviço Nacional de Educação Sanitária (Snes). Através dele, as atividades de propaganda eram padronizadas e enviadas a todo o país, nos mais variados espaços, incluindo as escolas.

O Serviço de Propaganda e Educação Sanitária substituiu, na década de 1940 (Spes), o Snes, iniciando o processo de institucionalização da educação sanitária no Brasil. Em âmbito nacional, a centralização administrativa dos serviços de educação sanitária surgiu após a criação do Snes, em 1941.

Rosen (1979) informa que a reforma médica significaria a primeira forma de educação no âmbito da saúde e da organização comunitária. Os movimentos sanitaristas expandiram a concepção de orientar suas ações baseadas em fatores culturais e sociais, influenciando, assim, o Snes, que

objetivava “formar na coletividade brasileira uma consciência familiarizada com problemas de saúde” (BRASIL, 1942, art.1).

Figura 2: Nota sobre o Jornal Saúde no Jornal Escolar Novidades, Canoinhas, 1941



Fonte: Jornal Escolar, 1941.

Localização: Acervo Apesc.

O Snes era dividido basicamente em três setores: Seção de Educação e Propaganda, Museu da Saúde e Seção de Administração. Na Seção de Educação e Propaganda, encontravam-se todas as publicações do serviço, como os de ordem técnica, fornecidos aos profissionais da saúde e à população. A Seção de Educação e Propaganda ganhou maior apoio e intensidade no governo Getúlio Vargas, devido à centralização política e à uniformização das práticas de saúde. As determinações da saúde pública daquele momento baseavam-se na centralização e uniformização das estratégias de atuação.

Seguindo a premissa de educar pela força do hábito, as publicações eram feitas para as crianças de diversas faixas etárias, com vistas a criar um comportamento fundamentado na vida saudável e higiênica. O modelo adotado pelo Snes baseava-se nos profissionais da saúde, nas famílias e nas escolas, eleitos como os principais agentes do projeto político de formar uma sociedade mais saudável:

A partir da publicação sistemática dos textos do SNES, os jornais definitivamente assumiram um papel pedagógico perante a sociedade brasileira. A publicação cotidiana de notícias relacionadas à saúde, terapias, prevenção de doenças e higiene acabou por estabelecer uma interligação entre o Estado, a ciência, as políticas sanitárias e a população. Nesse sentido, é possível afirmar que o discurso científico produzido pelo SNES acabou legitimando o projeto político implementado por Vargas, efetivado, neste caso, pelas ações coordenadas por Gustavo Capanema. A tentativa de incutir práticas sanitárias a partir dos textos publicados nos jornais e assinados pelo SNES pode ser interpretada como uma forma

de estabelecer normas de legitimação de comportamentos individuais e coletivos. As perspectivas de benefício, castigo e culpa, estiveram implícitas no discurso oficial disseminado a partir das páginas dos periódicos brasileiros (CHAVES, 2011, p. 204).

Utilizadas como ferramentas capazes de mudar as mentalidades, as propagandas foram o meio mais prático de disseminar os preceitos educativos. As duas publicações do Snes mais populares foram o *Almanaque Saúde* e o mensário *Saúde*. Como essas publicações chegavam até as escolas e tinham um cunho pedagógico, geralmente elas eram bem ilustradas. Mesmo que algumas crianças não soubessem ler, as publicações chamavam a atenção com os desenhos que representavam os hábitos saudáveis, sendo de fácil assimilação.

Na época, o ilustrador e cartunista responsável por essas publicações foi o cearense Luiz Sá² (1907-1979), que trabalhava no Serviço Nacional de Educação Sanitária. Em forma de quadrinhos, suas publicações e charges utilizavam o humor para atrair o público infantil.

Luiz Sá atuou em várias áreas do desenho e retratou com bom humor os principais agentes patógenos da época, criando o quadro dos indesejáveis. Além de falar sobre várias doenças, abordava os cuidados do cotidiano.

O Snes³ defendia a importância da divulgação de informações para o alcance de uma boa vida, com ausência de doenças, calcada na noção de indivíduo. A saúde deveria acontecer por meio dos cuidados de cada um, do cuidar de si. O conceito de indivíduo pode ser entendido como existência única e indivisível. Para a medicina, um indivíduo é todo organismo vivo que pertence a uma espécie, distinguindo-se dos demais pelas suas peculiaridades. Para a filosofia e a sociologia, indivíduo é sinônimo de ser humano/cidadão, que possui identidade própria.

Figura 3: Ilustrações de Luiz Sá sobre cuidados com a pele e alimentação



Fonte: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=921&sid=7>

² Luiz Sá deixou seu traço na história em um período em que ideias importantes sobre educação, saúde e propaganda estavam sendo desenvolvidas. Depois dessa época de ouro dos seus desenhos, a vida de Luiz Sá não ficou nada fácil. Durante os anos 60, aconteceu uma verdadeira invasão dos quadrinhos estrangeiros, e por isso muitas revistas brasileiras fecharam. Por isso, o artista retirou-se para viver afastado em São Gonçalo, na região metropolitana do Rio. Ele contraiu tuberculose em 1974, e foi internado no Sanatório Azevedo Lima, em Niterói. Apesar das dificuldades, continuou a trabalhar em prol da saúde, e durante sua internação, realizou cerca de 50 desenhos. Alguns retratavam o bacilo de Koch, causador da tuberculose, e outros *inimigos* da saúde. O desenhista se recuperou e voltou para casa após o tratamento, mas alguns anos depois, em 1979, acabou falecendo de complicações causadas pelo problema no pulmão (www.invivo.fiocruz.br).

³ As atividades de rotina do Serviço eram a divulgação e educação sanitárias, que incluíam métodos e sistemas de propaganda e educação. Com o apoio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o Snes se dedicou a publicações de folhetos – como as cartilhas ilustradas por Luiz Sá, livros e catálogos, realizou palestras via rádio, conferências em colégios, adquiriu e confeccionou peças, discos e filmes, além de ter coordenado os trabalhos de educação e propaganda sanitárias realizados por outras entidades. (<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=922&sid=7>)

Figura 4: Galeria dos indesejáveis ilustrada por Luiz Sá nas cartilhas do Snes



Fonte: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=921&sid=7>

Almeida Junior considera educação higiênica:

O conjunto de hábitos e de conhecimentos com que o indivíduo protege a sua própria saúde e a dos outros. Nas condições atuais da vida social, não se compreende um serviço eficaz de profilaxia que não seja apoiado na educação higiênica das populações (1969, p. 482).

A instrução da massa popular nas práticas e princípios da higiene era parte essencial da política sanitária. O povo seria levado ao bom caminho pelo conhecimento, pois, antes de qualquer coisa, era necessário instruí-lo através da campanha educativa. Conforme o Regimento do Serviço Nacional de Educação Sanitária, a competência dos órgãos, de acordo com o Decreto n. 10.013, de 17 de julho de 1942, Capítulo III, art. 6º, foi:

a) publicar avulsos, folhetos, livros, catálogos e cartazes destinados à educação sanitária; b) promover, com regularidade, por todo o país, de notas sueltas e artigos sobre assuntos de saúde e sobre as atividades do S.N.E.S.; c) publicar, com regularidade, um periódico de propaganda e educação sanitárias, destinado às massas populares; d) editar publicações de caráter especial, destinadas a médicos, educadores e entidades encarregadas da direção de coletividades, principalmente infantis e juvenis; e) utilizar-se da palavra falada, da projeção luminosa, inclusive cinematográfica, de radiodifusão e televisão para fins de propaganda e educação sanitárias e da divulgação dos propósitos e atividades do S.N.E.S e demais órgãos do D.N.S.; f) promover a realização de concursos de saúde que ensejem a propaganda de educação sanitária; g) orientar, coordenar, estimular e auxiliar os trabalhos de educação e propaganda sanitárias, realizados por entidades estatais, paraestatais, semi-oficiais e particulares, bem como opinar sobre os respectivos planos, no seu aspecto técnico e econômico e quanto à oportunidade de sua realização, articulando-se com os órgãos competentes, quando se tratar de assunto da alçada dos serviços especializados do D.N.S.; [...] (BRASIL, DECRETO N. 10.013 – DE 17 DE JULHO DE 1942).

Naquele momento, a saúde passou a ser vista como uma questão pedagógica, tão relevante quanto a questão da alfabetização. Os jornais foram importantes meios de disseminação das ideias do senso comum como um mecanismo pedagógico. De acordo com Mizuta (1995), o jornal foi utilizado como elemento fundamental no projeto iluminista, que visava a promover mudanças nas ideias e nos comportamentos das “pessoas comuns” na Europa do século XIX; por sua periodicidade constante e pela abrangência de temas, passou a ser empregado como instrumento pedagógico. Pallares-Burke argumenta:

No que diz respeito às possibilidades da educação, a imprensa periódica, no seu veio mais propriamente cultural do que noticioso, assumiu explicitamente as funções de agente de cultura, de mobilizadora de opiniões e de propagadora de idéias”. A imprensa tomou para si essa tarefa em virtude da “ausência de outros agentes educativos, como leis e um sistema de educação pública (1998, p. 147).

Da mesma forma, os jornais escolares, criados juntamente com as demais associações escolares, reformularam a forma estrutural e organizacional da nova forma pedagógica pautada nos princípios da Escola Nova, aderindo à proposta da Reforma Trindade (1935). As organizações dos jornais escolares atendiam:

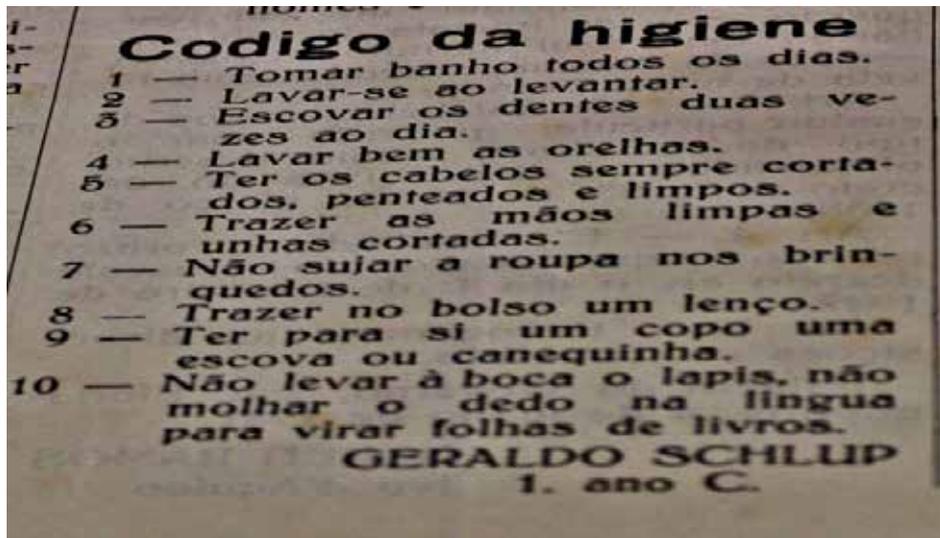
As inspirações da renovação educacional que vai se processando em nosso Estado, graças a concepção e aplicação da moderna ciência de educação, tem-se como inseparáveis dos aparelhos educativos os órgãos já consagrados como integrantes da eficiência escolar, e referente às bibliotecas, caixas escolares, jornais, clubes agrícolas, etc. Resolverse, por isso, revigorar a campanha em tão salutar sentido, trabalhando por que se multipliquem essas novas criações, não apenas junto as escolas estaduais e municipais, porém junto as particulares (SANTA CATARINA, 1943, p. 21).

Os jornais escolares, instituídos como associações escolares, circulavam desde 1941. A partir do Decreto n. 2.991, de 28 de abril de 1944, os jornais seguiram as instruções definidas por Nereu Ramos, que enaltecia a importância dos jornais nas escolas. Eles representavam uma coleção de trabalhos que se concentravam em um todo, para que no futuro os novos alunos pudessem conhecer as realizações do passado. Eles ainda possuíam diversas seções escritas, para gravar certos pormenores íntimos da vida local, que mais tarde serviriam como elementos valiosos de consulta para escrever a história da região (SANTA CATARINA, 1944).

Os jornais escolares constituíram meios de comunicação entre os pelotões de saúde e a comunidade escolar. Através deles, eram transmitidas notícias sobre epidemias, alcoolismo, notícias sobre as eleições dos pelotões, fundações dos pelotões, cirurgias, vacinas, asseio, histórias médicas entre outras. Os jornais serviam como instrumentos para a popularização, introdução e consolidação dos hábitos de educação sanitária.

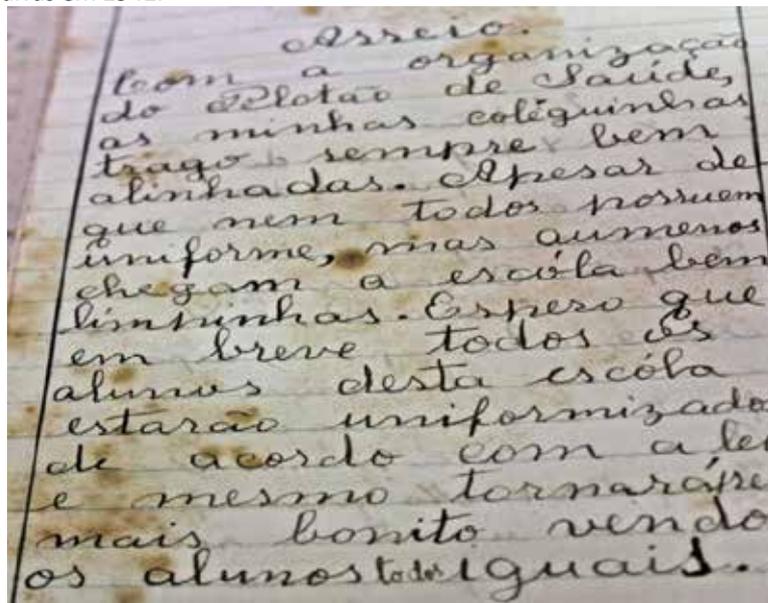
O tema sobre o asseio teve bastante visibilidade nos jornais escolares, não apenas o asseio do corpo, mas das roupas, dos dentes, das casas. O asseio, além de ser considerado uma necessidade para manter a saúde, tinha um caráter social, uma vez que a principal finalidade dos pelotões de saúde era orientar as crianças, fornecendo-lhes costumes favoráveis à saúde. As crianças dos pelotões trabalhavam pelo asseio, pois o discurso patriótico dizia que um menino sujo não poderia ser bom brasileiro.

Figura 5: Nota sobre o código de higiene escrito no Jornal Escolar Meu Torrão do Grupo Escolar Abdon Batista, Jaraguá, 1941



Fonte: SANTA CATARINA, 1941.
Localização: Acervo Apesc.

Figura 6: Nota sobre o asseio publicada no Jornal Escolar A Mocidade, da Escola Mista Estadual de Bugre, Três Barras em 1941.



Fonte: Relatório do Pelotão de Saúde, 1941.
Localização: Acervo Apesc.

A difusão dos valores higiênicos entre a população foi um dos componentes das políticas de saúde no Brasil desde as primeiras décadas do século XX, que incorporaram elementos do discurso médico-sanitário da Primeira República, segundo o qual a ignorância das populações era uma das principais causas das enfermidades, fazendo-se necessário promover a consciência sanitária do povo através dos recursos modernos de comunicação (LÖWY, 2006).

Os jornais escolares também publicavam informações sobre a fundação dos pelotões de saúde, os nomes dos membros e suas respectivas funções. Serviam igualmente como meio de divulgação das campanhas realizadas pelos pelotões, e também como instrumentos para baixar instruções às crianças para que levassem medicamentos para doar às farmácias, como nessa publicação de 1948: “Publique-se no jornal que os alunos devem trazer alguns donativos para a

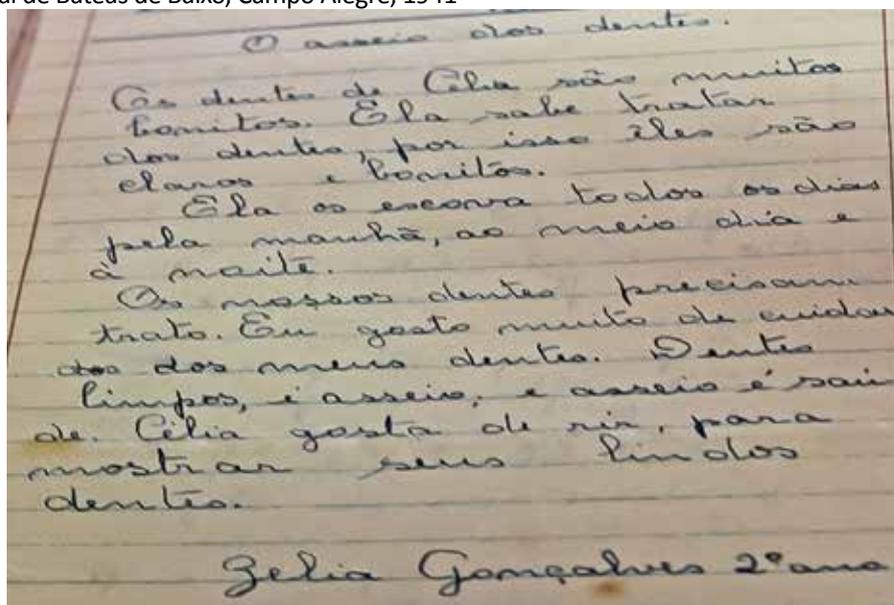
farmácia” (SANTA CATARINA, 1948).

Percebe-se, através dos anúncios nos jornais escolares, a articulação entre as questões nacionais e locais. As doenças que castigavam as crianças estavam em conformidade com as principais epidemias que acometiam o país. O foco das campanhas de saúde tornou-se preventivo através da educação higiênica, afastando o modelo campanhista-policial.

Tal intervenção sobre a infância surgia de um pensamento, colocado principalmente por Fernando de Azevedo, que dizia que o povo brasileiro era debilitado fisicamente, um povo degradado e abandonado. Para ele, o Estado era ineficaz e as escolas estavam em estado de total abandono:

[...] quem tenha tido o ensejo de observar e experimentar ao vivo o estado de miséria física e social de grande parte da população escolar, de centros urbanos e rurais, não pode passar despercebida a necessidade de incorporar, nas reformas, planos de assistência higiênica e alimentar às crianças pobres, de uma população, sem seiva, sugada até à medula menos pela miséria do que pelas verminoses, pela sífilis e pelas endemias. Mas, entregando-me rasgadamente a uma política de assistência social, sentia que todo êsse esforço não atingiria os objetivos visados, se, ao mesmo tempo, não procurasse pôr em via de solução o problema do tratamento das crianças enfêrmas das escolas públicas (AZEVEDO, 1934, p. 184).

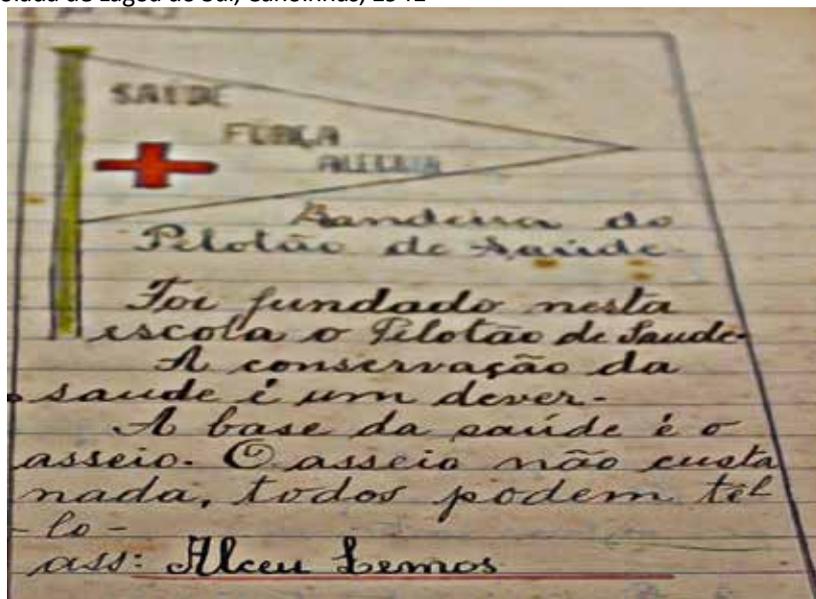
Figura 7: Nota publicada no Jornal Escolar Guanabara sobre o asseio dos dentes na Escola Mista Estadual de Bateas de Baixo, Campo Alegre, 1941



Fonte: Relatório do Jornal Escolar, 1941.

Localização: Acervo Apesc.

Figura 8: Nota sobre a fundação do pelotão de saúde no Jornal Escolar A Abelha da Escola Mista Estadual Isolada de Lagoa do Sul, Canoinhas, 1941



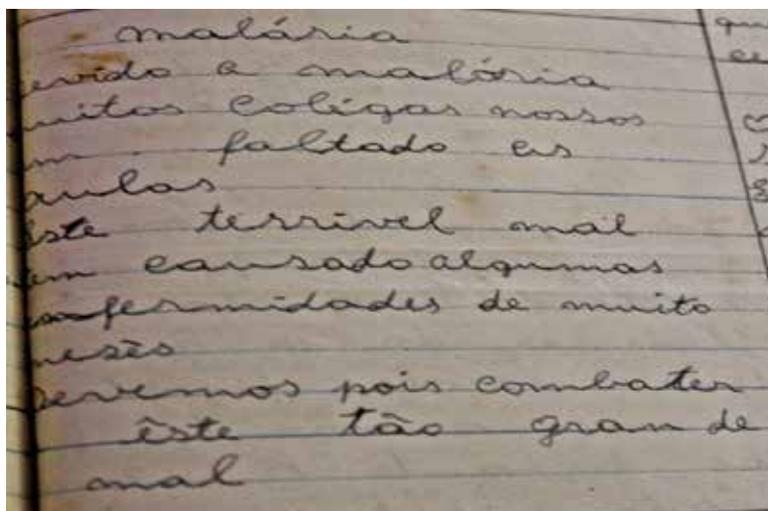
Fonte: Relatório do Jornal Escolar, 1941.

Localização: Acervo Apesc.

O número de crianças doentes com moléstias infecto-contagiosas era enorme, muitas delas chegando a óbito. As famílias mais pobres, que viviam geralmente em meios rurais, não tinham sequer noções básicas de higiene. Muitas crianças adoeciam e passavam as moléstias a seus familiares. Daí a necessidade de divulgar os preceitos higienistas aos lugares mais longínquos possíveis.

As moléstias infecciosas determinavam, entre os escolares, mortalidade muito maior do que em outras idades. Segundo Fontenelle (1930), as causas da mortalidade infantil poderiam ser resolvidas com a ação da higiene que, por sua vez, se ocupava das causas que poderiam ser tratadas ou suprimidas. O estudo da mortalidade infantil era um dos assuntos de maior interesse da higiene. “E o pior é que essa elevadíssima mortalidade infantil se mantém há muitos anos, com pequenas flutuações, sem manifestação de decréscimo que revele a acção de qualquer esforço tentando para reduzi-la” (FONTENELLE, 1930, p. 765).

Figura 9: Nota publicada no Jornal Escolar Nossa Pátria da Escola Mista Estadual de Itajaí Mirim em Brusque, 1941.



Fonte: Relatório do Jornal Escolar, 1941.

Localização: Acervo Apesc.

Além das anormalidades corporais, a medicina se preocupava com a disseminação das doenças infecto-contagiosas:

As doenças transmissíveis encontram no meio escolar esplendidas oportunidades de disseminação, dahi passando, facilmente, para os lares, pelo que é indispensável considerar o trabalho da prophylaxia desses males na escola como real necessidade e estricta obrigação das collectividades organizadas. Nenhum povo poderá ser valido, forte e sadio, si desde a escola primaria todos os esforços não se conjugarem para o cultivo da saúde individual. É por estas razões que a questão da saúde na escola preocupa cada vez mais os dirigentes dos paizes adeantados, que teem posto muito empenho nesse serviço (FONTENELLE, 1930, p. 844).

Os higienistas entendiam que a higiene da criança era o trabalho mais importante em prol da saúde humana. Até meados do século XX, o Brasil estava consideravelmente atrasado em relação a outros países, como Inglaterra e Estados Unidos. Daí a necessidade da ampliação e disseminação das noções que constituíam a higiene infantil. A intervenção dos higienistas nas escolas começou a partir do século XIX, com os ensaios de Pettenkoffer, que se preocupou com a ventilação e os maus efeitos do ar confinado e com os estudos sobre Miopia de Coohn.

As doenças que ameaçavam a saúde, principalmente das crianças, justificavam a emergência de ações profiláticas nas escolas como real necessidade e estrita obrigação das coletividades organizadas. “Nenhum povo poderá ser valido, forte e sadio, si desde a escola primaria todos os esforços não se conjugarem para o cultivo da saúde individual”. (FONTENELLE, 1930, p. 844).

Quando as crianças não sabiam ler, nem suas famílias, os professores faziam os preceitos em forma de versos; assim, as crianças decoravam e disseminavam posteriormente para pais, irmãos e outros. Essa prática já havia sido sugerida por Carlos Sá, no 3º Congresso Brasileiro de Higiene, realizado em São Paulo em 1926. O verso deveria ser citado diariamente por todas as crianças como forma de se manterem saudáveis:

Hoje escovei os dentes
Hoje tomei banho
Hoje fui à latrina e depois lavei as mãos com sabão
Hontem me deitei cedo e dormi com janellas abertas
De hontem e para hoje já bebi mais de 4 copos d’água
Hontem comi ervas ou frutas, e bebi leite
Hontem mastiguei devagar tudo quanto comi
Hontem e hoje andei sempre limpo
Hontem e hoje não tive medo
Hontem e hoje não menti.

Esse imperativo de ordem social, criado para ajudar na campanha pela saúde, também existia nos pelotões de saúde de Santa Catarina. As crianças criavam versinhos em nome dos colegas:

Eu preso

Minha cabeça para pensamentos claros
Meu coração para a lealdade
Minhas mãos para as grandes obras
Minha saúde para uma vida melhor
Em prol do meu clube e minha pátria!!

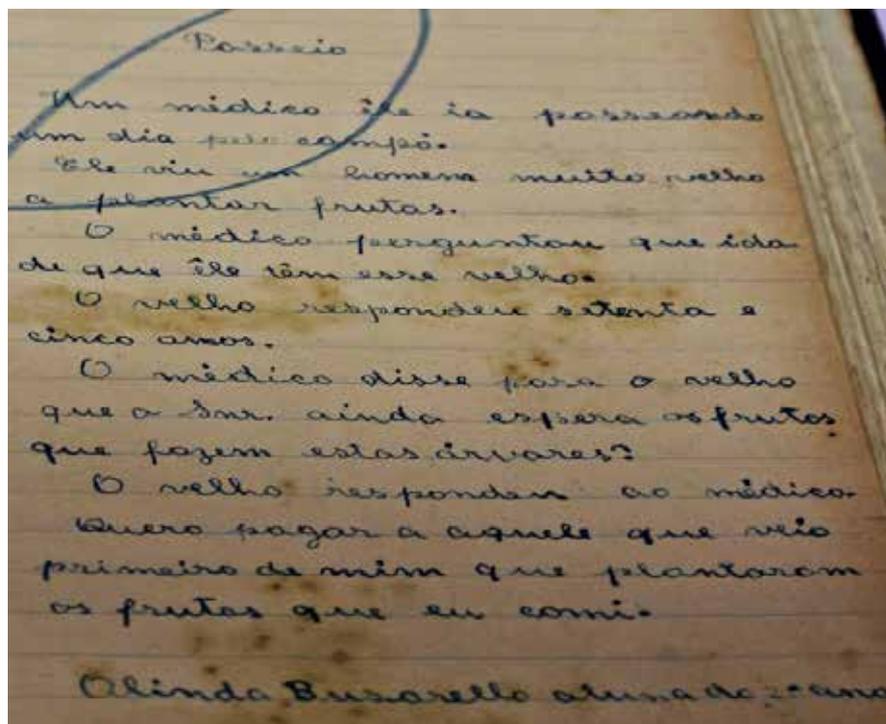
Sêde? Sinal evidente
De que a “máquina” da gente
Pouco líquido já tem
Não perca, pois, um instante

Porque sem lubrificante
Nenhum motor anda bem
Repousar após o almoço
Ou à tardinha, é um colosso
Dez minutos, pelo menos
Cada dia, a norma siga
Assim, não deixa a fadiga
Injetar-lhe os seus venenos
(Escola Normal Coração de Jesus)

Traz a todos limpeza
Saúde força e lindeza
Deves lavar cada dia
O rosto com água fria
Penteia-te e limpa os dentes
Conserva as unhas decentes
Come só prá viver
Não vivas prá comer
Come demais meu pateta
Amanhã põe-te em dieta
(Escola Mista Estadual de Conquista)

As professoras primárias também contavam muitas histórias sobre a higiene nas aulas e nas reuniões dos pelotões de saúde. As histórias eram publicadas nos jornais escolares e contadas nas reuniões.

Figura 10: História sobre o passeio de um médico publicada no Jornal Escolar A Patria, Timbó, 1941.



Fonte: Relatório do Jornal Escolar, 1941.

Localização: Acervo Apesc.

Como parte das atividades sanitárias no Brasil com vistas a promover a saúde física e mental, a educação do povo, considerado ignorante, era um fator preocupante, uma vez que

muitas pessoas eram analfabetas. A educação tornou-se aliada da estratégia de levar até as pessoas “incivilizadas” os ensinamentos fundamentais de higiene. Para falar ao homem a fim de o alfabetizar higienicamente, o rádio e a imprensa tiveram um papel fundamental, que levou a educação sanitária aos meios mais distantes. O serviço de Propaganda e Educação Sanitária distribuía cartazes, livretos e jornais às instituições do interior do estado de Santa Catarina, uma vez que as moléstias eram mais comuns nessas regiões por falta de informação e recursos.

Considerações Finais

Tanto os pelotões de saúde quanto as outras associações escolares se constituíram como instituições das escolas de Santa Catarina que objetivavam estar em conformidade com o aprendizado prático, considerado o método de ensino mais adequado para a época, visando a atender a uma suposta renovação educacional.

As simulações da vida social praticadas pelas crianças dos pelotões de saúde faziam com que se difundissem valores morais e conhecimentos de saúde para a propagação do aprendizado efetivo. Os cuidados com as crianças, principalmente as menores, demonstrou que houve um grande investimento na construção do futuro cidadão civilizado, e que foram inculcadas responsabilidades pelo trabalho e pelo amor à pátria, tudo isso aliado à saúde e à felicidade.

Os impressos fizeram parte da construção e alfabetização das crianças, pois muitas ainda não sabia ler e se baseavam nos desenhos e nos versos para fixar os preceitos higiênicos.

Referências

ALMEIDA JUNIOR, Antônio Ferreira. **Biologia Educacional, noções fundamentais**. São Paulo: Companhia Editora, 1969.

CHAVES, Niltonci Batista. **Entre preceitos e conselhos: Discurso e práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa (1931-1953)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná- UFPR - Curitiba, 2011.

FONTENELLE, José Paranhos. *Compêndio de Higiene*. 1930.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2006.

LÖWY, Ilana. **Vírus, mosquitos e modernidade**: a febre amarela no Brasil entre ciência e política. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MIZUTA, Celina Midori Murasse. **Os jornais do século XIX e a pesquisa em História da Educação**. 1995. Disponível em: Acesso em: 17 abr. 2017.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Caderno de Pesquisa**, Rio de Janeiro: Cortez, n. 104, jul. 1998.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes**: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925). Campinas, SP: Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2003.

ROSEN, George. **Da polícia médica à medicina social**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

Fontes

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Relatórios das Associações Escolares de 1941**: Acervo: APESC.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Relatórios das Associações Escolares de 1943**: Acervo: APESC.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Relatórios das Associações Escolares de 1944**: Acervo: APESC.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Relatórios das Associações Escolares de 1946**: Acervo: APESC.

BRASIL, Decreto n. 10.013, de 17 de julho de 1942. Disponível em <http://legis.senado.gov.br/legislacao/listapublicacoes.action?id=35978>

SANTA CATARINA. **Circular nº 26, de 19 de março de 1941**.

Recebido em 1º de outubro de 2018.

Aceito em 17 de dezembro de 2018.